

“Ver e ouvir” a banda: a investigação videográfica em diferentes contextos de atuação da Corporação Musical Cachoeira Grande (MG)

Ana Carolina Malaquias Pietra,
Edith Rocha
UFMG

No processo da pesquisa, a busca de fontes é sempre um desafio, desde as escolhas metodológicas para obter acesso documental até a compreensão dos mesmos como elementos históricos que possibilitam o estudo da prática musical de determinado grupo. Não apenas a busca pelas fontes em si, mas também nas possibilidades interpretativas que as mesmas permitem, a partir do momento que encaramos enquanto “objeto documento”. O presente trabalho parte da análise videográfica como ferramenta central na investigação da prática da Corporação Musical Cachoeira Grande, banda pertencente à cidade de Pedro Leopoldo/MG. Dentro do recorte temporal da década de 80 do século XX, foram selecionados registros videográficos que permitem analisar a atuação do grupo, além da possibilidade de um estudo comparativo entre os espaços de representação distintos: procissão, desfile da Independência e uma retreta. Como procedimento metodológico, o registro videográfico permite uma nova abordagem na forma de analisar a música do grupo através da escuta das atuações e performances, bem como a possibilidade de compreensão do contexto sonoro resultante, as dinâmicas da interação musical, corporal e gestual, aspectos estéticos e visualizar todo contexto que envolve a produção musical do registro, proporcionado um campo de análise extenso, sobretudo quando falamos em práticas musicais. Os vídeos são ainda uma forma de representação da sociedade e do espaço tornando-se um elemento fundamental na compreensão da música das bandas, uma vez que possibilitam o estudo de aspectos tão múltiplos como posturas, repertórios e até mesmo das relações de poder, expressando o passado de forma palpável e sensorial, possuindo durabilidade que ultrapassa a vida de seus produtores, principalmente quando falamos de um grupo fundado em 1912. Acreditamos que tal estudo traga reflexões e possibilidades de análise sonora, estética, musical, de repertório, gestual bem contrastantes por se tratarem de contextos de atuação completamente distintos. E apesar se tratar da mesma banda, entendemos que há uma influência mútua na prática, personagens em comum e valores sociais pedroleopoldenses que podem ser lidos através dos vídeos em questão.

As Corporações Musicais trazem consigo grandes cargas de tradição, memória e afetividade, sobretudo passadas nas gerações que participam da banda e da sociedade que acompanha por anos, sendo considerada por alguns autores como verdadeiros “patrimônios vivos”. Por toda gama de possibilidades analíticas que tal formação oferece, pesquisas sobre as corporações musicais têm sido cada vez mais comuns dentro das universidades e dos cursos de pós-graduação¹, trabalhadas em torno de diferentes óticas: estudos de caso, análises de processos musicais, análises acerca de composições, estudos iconográficos, abordagem acerca de questões contextuais e históricas a partir de metodologias arquivísticas, processos de ensino e aprendizagem, relações sociais implícitas na prática, dentre outros. Ainda sobre tal relevância, os simbolismos intrínsecos no fazer musical e o significado inerente que a prática deste gênero carrega consigo, corroboram para que as bandas de música sejam ferramentas de estabelecimento de relações entre o presente e o passado musical.

A busca pela compreensão da prática musical nas bandas de música pode ser obtida através da utilização de diferentes ferramentas metodológicas, onde seja possível dialogar e correlacionar reflexões de diferentes áreas aproximamo-nos do entendimento das relações que permeiam a prática e de que forma o fenômeno musical elucubra tradições, identidades, correntes estéticas e políticas.

Para o presente trabalho, utilizaremos como estudo de caso as narrativas e fatos ligados à Corporação Musical Cachoeira Grande, banda civil da cidade de Pedro Leopoldo/MG. O grupo foi inicialmente formado por operários e diretores de uma fábrica de tecidos instalada no local em 1985, quando ainda era vilarejo. É uma das poucas instituições que foram criadas antes da emancipação do município, e mantém de forma ininterrupta suas atividades, desde 08 de dezembro de 1912, se adaptando às mudanças e ressignificações do papel da música no contexto social ao longo dos anos².

A análise videográfica surge aqui como uma possibilidade de ver e ouvir a música que este grupo fazia, e ainda propiciar reflexões e associações com os agentes sociais que a produziam, bem como as contingências que giravam em torno do fazer musical, sendo possível observar posturas corporais, faciais, uniformes, performances ou posicionamento dos instrumentos. Considerando a longevidade

1 Segundo o artigo de Maira Ana KANDLER e Sérgio Luiz Ferreira de FIGUEIREDO (2010), de 1998 a 2009 foram desenvolvidas 39 pesquisas sobre a temática. Apesar de não abarcar os anos de 2010 em diante, o artigo ilustra a crescente abertura acadêmica para tal temática e aponta para um cenário ainda mais amplo nos anos seguintes.

2 Para mais detalhes sobre a história da corporação, ler (PIETRA, 2016): *“Do apito da Fábrica aos sons da orquestra: percurso histórico-musical da Corporação Musical Cachoeira Grande”*.

da Corporação Musical Cachoeira Grande, certamente tais registros são indispensáveis enquanto ferramenta metodológica no estudo da prática musical, seja em âmbito analítico ou ilustrativo, pois além das questões já colocadas, transcendem a vida dos indivíduos no grupo.

Ver e ouvir a música: análise videográfica

Para o pesquisador, partir em busca de fontes documentais é sempre um desafio, desde os processos metodológicos para acesso documental até a compreensão dos mesmos como elementos históricos que possibilitam o entendimento da prática musical de determinado grupo. Não apenas a busca pelas fontes em si, mas também nas possibilidades interpretativas que as mesmas permitem, a partir do momento que encaramos enquanto “objeto documento”:

O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. E, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o documento material deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica. (MENEZES, 1998, p.95)

Ganha sentido questionar: qual ponto de partida na busca por fontes para compreensão da de uma banda? Como as transformar em documentos históricos, capazes de fornecer informações de diferentes recortes temporais? Quais fontes podemos utilizar no processo de pesquisa, que não apenas as fontes musicais em si? No âmbito dessas preocupações, foi iniciada a pesquisa documental sobre o grupo em questão para a tese de doutorado (em andamento, com previsão para conclusão em out/21), levantando material com músicos, ex-músicos, maestros, pessoas ligadas às bandas de forma geral e ainda a comunidade local. Sou integrante da Corporação Musical Cachoeira Grande desde o ano de 1997, fui contramestre (regente assistente) e assumi a banda civil durante alguns anos, fiz meu mestrado sobre o percurso histórico musical do grupo e atualmente sou regente fundadora da Orquestra Sinfônica Cachoeira Grande e saxofonista da banda civil,

ou seja: tive minha trajetória transformada pelas relações e conexões do grupo ao longo dos anos. Minha condição de *insider*, por diversos momentos facilitou as etapas metodológicas, a busca por fontes e pessoas ligadas à instituição mas em outros precisei me distanciar e debruçar sobre trabalhos e autores para conseguir refletir com mais clareza e de forma crítica.

Para fins metodológicos, busquei ainda a Câmara Municipal de Pedro Leopoldo e a Secretaria de Cultura que gentilmente atenderam e agendaram a visita ao acervo municipal, realizada de forma semanal por dois meses. Este, está alocado em uma casa antiga (ver figura 1), sem uma catalogação dos itens, organização correta e foi necessária a pesquisa em todo o material (e estes não eram estritamente musicais).

Figura 1 - Área externa do Acervo Municipal.



Fonte: acervo pessoal³.

A realidade do acervo acima se assemelha a de muitos outros, seja por falta de verba ou mesmo desinteresse em manter e preservar elementos tão importantes que auxiliam na narrativa e construção da história local. Como fui na condição de pesquisadora, um funcionário da secretaria me acompanhou e auxiliou no processo de busca por fontes da pesquisa, durante cerca de dois meses, semanalmente, mas não pude efetuar nenhum tipo de organização ou limpeza. Neste acervo foi possível encontrar duas fitas em VHS com vídeos da Corporação Musical Cachoeira Grande e algumas fotografias da mesma banda, um caderno de ponto da Fábrica de Tecidos (com nomes que remetiam a composições existentes dentro do grupo.

3 Localizada na Rua Nossa Senhora da Saúde, conhecida por “Rua dos Quadros”, mesma rua onde está localizada a Corporação Musical Cachoeira Grande e local onde as primeiras casas da porção central do município foram construídas.

Um outro local de pesquisa foi a rede social Facebook, mais especificamente um grupo intitulado “Pedro Leopoldo e sua história”, que possui quase 11000 membros. As fotos e vídeos são publicados pelos próprios usuários, comentadas, salvas e compartilhadas, com autorização das pessoas que cederam ou dos familiares daqueles que estão nas imagens. São quase 6000 arquivos de diferentes recortes temporais e cenários pedroleopoldenses.

Após refletir sobre todos os passos na busca e os resultados, no ano de 2020 gravei um vídeo⁴ explicando minha pesquisa e pedindo à comunidade pelas redes sociais (instagram e facebook) que enviassem fontes ou entrassem em contato que eu as buscaria para cópia, fotografia e etc, para que mais pessoas fossem alcançadas, não apenas aquelas da minha rede de sociabilidade.

O processo de levantamento de fontes acabou se tornando inesgotável e inacabado, uma vez que até os dias atuais é comum que as pessoas que enviem novos materiais e principalmente: por mais que se faça um levantamento exaustivo de fontes documentais, é impossível que alcancemos todas as pessoas ligadas à história das bandas, sobretudo por estarmos falando de grupos centenários. Descrevo aqui o processo de levantamento das fontes, que incluem os vídeos em questão porque, apesar da data de fundação da banda ser 1912, os registros (videográficos) mais antigos encontrados são datados de década de 80 (o que conseqüentemente causa um estranhamento). Este fato suscita novos questionamentos à respeito da preservação das fontes ou ainda sobre quais aspectos sociais, econômicos, políticos e geográficos influenciaram para que pouco ou nenhum material sobre o grupo tenha sido armazenado e/ou encontrado.

Ainda sim, acreditamos que tal análise é ferramenta eficaz na análise da prática, principalmente por se tratarem de três vídeos em contextos diferentes: uma procissão, uma retreta e um desfile, sendo possível perceber “informações sobre instrumentos musicais e suas formas de execução, número e tipos de intérpretes, formas, dimensões e características dos espaços de apresentação musical [...], figurino e cenários operísticos, etc”⁵, possibilitando a comparação, identificação e a correlação do trânsito e das identidades musicais em cada ocasião. Tal ferramenta mapeia ainda representações sociais, espaços e vivências: “a maneira como os sujeitos se posicionavam no espaço fotográfico pode evidenciar as relações de poder no grupo, os uniformes, os instrumentos e as expressões corporais dos músicos”. (CAZAES, 2014, p.22)

4 <https://www.youtube.com/watch?v=kus6fW8g25w>

5 (CASTAGNA, 2008, p.25)

O primeiro vídeo se trata de trechos de uma Procissão de Nossa Senhora da Conceição, em 08 de dezembro de 1988, logo: uma performance em movimento e a corporação é parte integrante de tal rito religioso. São trechos ao longo do trajeto, onde as preces na comunidade eram entoadas e revezadas com a música da banda, que tocava dobrados, com o sinal de “aviso”, bem característico nas performances neste formato. Segundo algumas pesquisas, os dobrados trazem o caráter festivo para a procissão. Nos últimos 20 anos, aqui na cidade de Pedro Leopoldo é comum que a banda toque dobrados, com exceção da procissão de Corpus Christi, onde as marchas fúnebres ocupam o repertório. É possível perceber o som aberto e projetado, com presença marcante dos trombones e trompetes. A formação da banda conta com cerca de 30 músicos e é feita com metais à frente, seguidos das madeiras e ao final sax-horn e percussão, sem grande rigor ou estética visual (as filas muitas vezes se encontravam desorganizadas, mesmo que as ruas não fossem estreitas). O maestro João Evangelista de Paula, que esteve frente ao grupo por mais de 20 anos, não rege, uma vez que a banda está em posição de desfile (mas possivelmente o repertório era escolhido pelo mesmo). Ele não rege entradas e nem finais. Atualmente é usual no grupo que o maestro sinalize com o braço alguns compassos antes do término da música. O uniforme do grupo traz características militares, como ombreiras, gravatas e caps, apesar da banda não marchar ao entoar o dobrado. A comunidade apenas ouve a banda tocar e interrompe a prece neste momento, agindo de forma passiva no momento que a corporação integra efetivamente o ritual. Há momentos em que a prece se sobrepõe aos dobrados da banda, uma vez que a procissão é extensa. No vídeo é possível ouvir os dois ao mesmo tempo, somados ainda ao sino da igreja, que faz anúncio da chegada da imagem de Nossa Senhora da Conceição à Igreja Matriz da cidade, recebida sob aplausos da comunidade local.

O segundo, datado de 22 de abril de 1989 é uma retreta na rua, com a banda se apresentando sentada e sob a regência do maestro e excertos de outros momentos da festa. A banda está tocando como convidada na antiga “Festa do Poste”, onde moradores da rua fechavam-na, enfeitavam de balões, com uma grande festa popular para comemorar o “aniversário do poste”, com direito a uma oração para o mesmo (e pode ser ouvida no vídeo em questão). O uniforme é o mesmo do ano anterior, mas algumas mudanças na performance são percebidas, acreditamos que, pelo contexto da apresentação e local de atuação. Apesar do uniforme remeter ao caráter militar, conforme dito anteriormente, observamos que a postura corporal dos músicos não apresenta a estética e rigidez deste contexto. Vemos a formação em semicírculo, dessa vez com as madeiras nas primeiras fileiras

seguidas pela fileira dos metais e por fim da percussão. O maestro João Evangelista está regendo e conduzindo a dinâmica do grupo e é possível ouvir um equilíbrio maior entre as madeiras e metais e o repertório é popular. Ao assistir o vídeo na íntegra percebemos que a banda é uma das convidadas da festa, que conta ainda com outras atrações artísticas da comunidade local. A participação da banda no vídeo é curta e rápida, mas já foi sinalizada a existência de outra fonte do mesmo evento onde é possível verificar com mais detalhamento e que ainda será disponibilizado para análise.

Por fim, o terceiro vídeo em questão, traz a festa em homenagem ao dia da Independência, onde a banda desfila pelas ruas da cidade. Ao contrário dos outros vídeos é possível verificar a banda marchando ao entoar o dobrado, ainda sob o comando do maestro João Evangelista de Paula e mantendo a formação com metais à frente, característica das performances em movimento. Ao final do dobrado, a percussão volta a fazer a marcação do ritmo militar para que os músicos mantenham a cadência da marcha no desfile. É interessante ainda ouvir ao fundo a pessoa que estava gravando, comentando sobre a vinda da banda e a roupa do maestro, demonstrando pelo tom de voz uma empolgação em ouvir o grupo tocando. Após chegada em frente à Prefeitura Municipal, vários outros elementos do *ethos* militar são encontrados (para além do uniforme que apesar de novo, carrega os mesmos elementos dos anteriores), desde a forma como o maestro se dirige aos músicos com comandos sonoros para que a banda altere a formação da banda, até a postura corporal dos músicos. As estantes de partituras são armadas e a formação da banda passa a contar com clarinetes e saxofones nas primeiras fileiras, corroborando com o que era premissa estética nas músicas do repertório popular, mesmo se tratando da execução do Hino Nacional para hasteamento das bandeiras de Pedro Leopoldo, Minas Gerais e Brasil, seguido da execução do Hino de Pedro Leopoldo e do Hino da Bandeira.

Apesar de serem vídeos com recortes temporais distintos, é interessante o fato da banda estar sob a regência do mesmo maestro (com seus valores estéticos e sonoros) pois fica claro a adequação da prática musical do grupo ao contexto de atuação, seja com relação à repertório, formação, marcha, estética sonora, função da regência e ainda como a comunidade participa da performance (ou inclui a banda em seus rituais) das formas variadas, fazendo com que o grupo cumpra diferentes papéis sociais dentro da comunidade de Pedro Leopoldo. Para além destas questões, nos três vídeos é possível observar que não há presença de crianças no grupo e ainda o número baixo de mulheres neste contexto.

Para além dessas questões, acreditamos que a análise deva acontecer não apenas no âmbito da descrição, mas trazer as questões percebidas visualmente para o âmbito das interpretações, contextos e se possível, valores sociais que estavam *in voga* naquele recorte temporal. A compreensão do contexto sociocultural em que o registro foi feito se faz necessário para que a análise dos possíveis significados e símbolos de tais registros aconteça de forma coerente uma vez que não são símbolos contemporâneos, por se tratar de um recorte temporal da vida cotidiana da banda.

Enquanto pesquisadores, questionamos as fontes e buscamos retirar delas o maior número de informações e detalhamento possível, abandonando o estigma da fotografia apenas enquanto ilustração, recordação ou como soberanas, questionando-as e “no exercício para respondê-las, a imaginação flui através do que parecem ser realidades” (CERQUEIRA, 2008, p.134).

Por contraponto, é preciso estar atento “aos limites existentes nesses procedimentos de interpretação, sob [a] pena de, no extremo, inventarmos realidades históricas para podermos adaptá-las à iconografia examinada” (PAIVA, 2004, p.31), observando a dualidade presente em tais fontes, uma vez que podem ser consideradas enquanto imagem e representação por meio da imagem. A correlação dos resultados das análises com outras ferramentas metodológicas da pesquisa documental se faz necessária na busca pela minimização de possíveis “erros” ou interpretações incoerentes, sobretudo em percepções mais subjetivas.

Ao refletirmos sobre questão da intencionalidade (ou não) da fotografia, muitas vezes percebemos os valores da instituição, do maestro ou de quem fez o registro sendo refletidos:

[...] ao mesmo tempo em que ela possui elementos do real, ela é uma escolha feita pelos agentes históricos, os quais procuram transmitir através dela a sua visão da instituição, das pessoas envolvidas, visão essa prenhe da dimensão simbólica constitutiva da percepção do real. (CERQUEIRA, 2008, p.135)

As informações recolhidas nos documentos servem para alargar nosso entendimento sobre as práticas musicais, uma vez que, quando contextualizados e investigados expressam o passado de forma palpável e sensorial, e ainda possuem durabilidade que ultrapassa a vida de seus produtores, sobretudo quando falamos sobre grupos dos anos 1911, 1912, e 1932.

Por se tratar de processos cognitivos encarnados, estão eles marcados por uma inserção física no universo material. A exterioridade, a concretude, a opacidade, em suma, a natureza física dos objetos materiais trazem marcas específicas à memória [...]. (MENEZES, 1998, p.90)

A pesquisa a partir das fontes foi construída de forma polifônica, com o cruzamento de diferentes tipos de documentos para que tenhamos uma gama de possibilidades acerca dos elementos contextuais que abarcam a prática musical, e que assim levantemos a memória e história dos grupos, sem nos ater a aspectos puramente sonoros na investigação:

Baseado nessa concepção relativista se pode concluir que o contato com o resultado sonoro de um determinado gênero musical não implica, necessariamente, no entendimento das leis que regem esse gênero, se apenas o som for levado em conta. Para se tornar íntimo de uma manifestação musical não basta conhecer suas organizações sonoras. Na busca da compreensão de um estilo e sua teoria vigente, nos deparamos com o fato de que o que denominamos música não pode ser reduzido ao evento sonoro. Música não é uma entidade autônoma. A manifestação musical pode não apenas se apresentar ligada a outras ações humanas, mas, sim, estar estritamente mesclada com essas. (CARDOSO, 2006, p.86)

E por fim, como uma tentativa de “*ouvir a história*”, optamos pela análise videográfica como ferramenta capaz de trazer reflexões e possibilidades de análise sonora, estética, musical, de repertório, gestual bem contrastantes por se tratarem de contextos de atuação completamente distintos. E mesmo se tratando da mesma banda, entendemos que há uma influência mútua na prática, personagens em comum e valores sociais pedroleopoldenses que podem ser lidos através dos vídeos em questão.

Referências

- CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. **A linguagem dos tambores**. Tese (Doutorado em etnomusicologia) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Música. Salvador, 2006.
- CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. **No ritmo do compasso, a melodia das filarmônicas em harmonia com o tempo: um estudo sobre a Lyra Cecilianiana e a Minerva Cachoeirana (1960-1980)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana. 2014.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. et al. O Centro de Documentação Musical da UFPel no horizonte da multidisciplinaridade: articulações entre musicologia histórica, gestão patrimonial e memória institucional. **História**, v. 27, n. 2, p. 111–144, 2008.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.